POTTERMORE PRESENTS
HISTÓRIAS DE
HOGWARTS
PODER, POLÍTICA
E POLTERGEISTS
PETULANTES
J. K. ROWLING

POTTERMORE PRESENTS

HISTÓRIAS DE HOGWARTS

PODER, POLÍTICA E POLTERGEISTS PETULANTES

J. K. ROWLING

CONTEÚDO

DA EDITORA DE POTTERMORE:

Qualquer bruxa ou bruxo com uma varinha nas mãos tem mais poder do que jamais poderemos imaginar. Com a poção ou o feitiço certos pode-se fabricar amor, viajar no tempo, mudar de forma física e até mesmo extinguir a vida.

Nas mãos erradas, poder e magia podem ser perversos, letais e corrosivos. Lorde Voldemort nos provou isso: sua busca pelo poder era tão feroz que ele despedaçou o tecido da sua alma e perdeu tudo aquilo que o tornava humano. Ele é o vilão definitivo, motivado por um desejo gélido de poder e destruição.

É óbvio que poucas pessoas poderiam rivalizar com Voldemort em intenção maligna (embora Belatriz Lestrange e Dolores Umbridge tentem), mas certamente há outros personagens que também são atraídos pelo poder. Reunimos aqui vários textos de J.K. Rowling sobre poder e política... E, só por diversão, sobre poltergeists também.

CAPÍTULO 1

DOLORES UMBRIDGE

Dolores Umbridge podia até ter aparência de um cupcake decorado, mas não tinha nada de doce. Era cruel, sádica e destituída de remorso. Quando ousou tomar de Alvo Dumbledore o controle sobre Hogwarts, ela cometeu atos sinistros de toda sorte. Do alto do recém-criado título de "Alta Inquisidora", ela conseguiu sozinha (bom, com uma ajudinha do Filch) sugar toda a alegria dessa amada escola, colocar todos os alunos em grave perigo e torturar Harry Potter. No que nos diz respeito, ela mais do que mereceu o destino que teve nas mãos (cascos?) dos centauros.

Temos aqui um oportuno vislumbre de seu passado sombrio, nas palavras de J.K. Rowling.

DOLORES UMBRIDGE
POR J.K. ROWLING

ANIVERSÁRIO:
26 de agosto

VARINHA:
Bétula e fibra cardíaca de dragão, vinte centímetros

CASA DE HOGWARTS:
Sonserina

HABILIDADES ESPECIAIS:
Criação da pena de punição

LINHAGEM:
Mãe trouxa, pai bruxo

FAMÍLIA:
Solteira, sem filhos

PASSATEMPOS:
colecionar o conjunto de pratos decorativos “Felinos Travessos”, acrescentar babados em tecidos e floreados em material de escritório, inventar instrumentos de tortura

Dolores Joana Umbridge foi a mais velha e única filha de Orford Umbridge, um bruxo, e Ellen Cracknell. Eles também tiveram filho, que se revelou um Aborto. O casamento dos pais de Dolores não era feliz e ela, secretamente, desprezava ambos: Orford pela falta de ambição (trabalhou no Departamento de Manutenção Mágica do Ministério da Magia sem nunca conquistar uma promoção), e a mãe, Ellen, pela volubilidade, desordem e linhagem trouxa. Tanto Orford quanto a filha culpavam Ellen pela falta de habilidade mágica do caçula.

Por esse motivo, quando Dolores tinha quinze anos, a família se dividiu: Orford e Dolores ficaram juntos, Ellen voltou ao mundo dos trouxas levando o filho e desapareceu. Dolores nunca mais viu a mãe ou o irmão, nunca mais falou de nenhum deles e dali em diante fingiu para todos os seus conhecidos que era uma puro-sangue.

Bruxa habilidosa, Dolores entrou para o Ministério da Magia assim que deixou Hogwarts, assumindo o reles cargo de estagiária na Seção de Controle do Uso Indevido da Magia. Já aos dezessete, anos Dolores era crítica, preconceituosa e sádica, mas a atitude conscienciosa, o jeito meloso de se dirigir aos superiores e a maneira impiedosa e dissimulada com que tomava crédito pelo trabalho de outras pessoas logo a fizeram progredir. Antes dos trinta Dolores já tinha sido promovida a chefe da seção; dali foi um curto passo para postos ainda mais altos no Departamento de Execução de Leis da Magia. A essa altura ela já havia convencido o pai a se aposentar precocemente, dando-lhe uma pequena compensação financeira para garantir que ficasse quieto e fora de cena. Sempre que alguém (em geral colegas de trabalho que não gostavam dela) perguntava "Você é parente daquele Umbridge que costumava limpar o chão por aqui?", ela exibia seu sorriso mais doce, ria e negava qualquer parentesco, alegando que seu falecido pai fora um distinto membro de Wizengamot, a Suprema Corte dos Bruxos. Coisas terríveis costumavam ocorrer a quem perguntasse sobre Orford, ou sobre qualquer outra coisa que Dolores não gostasse de falar, então quem queria continuar nas boas graças dela fingia acreditar naquela ancestralidade inventada.

Apesar dos esforços para garantir a afeição de algum dos seus superiores (ela nunca teve afeto de fato por ninguém, mas sabia que seu status e sua segurança seriam maiores com um marido poderoso), Dolores nunca conseguiu casar. Ainda que apreciassem seu afinco e sua ambição, aqueles que a conheciam melhor achavam difícil gostar dela a tal ponto. Depois de um copo de xerez doce, Dolores sempre revelava pontos de vista nada simpáticos. Até mesmo aqueles que eram antitrouxas ficavam chocados com algumas insinuações que Dolores fazia, a portas fechadas, sobre o que a comunidade não mágica merecia.

Conforme tornou-se mais velha e mais rígida, e quanto mais subia dentro do Ministério, mais o gosto de Dolores por coisinhas delicadas e femininas acentuou-se: seu escritório passou a ser um lugar repleto de franjas e enfeites, e ela gostava de qualquer coisa decorada com gatos (mesmo achando os bichos de verdade extremamente incômodos). Quando o Ministro da Magia Cornélio Fudge mostrou-se cada vez mais ansioso e paranoico com a ideia de que Alvo Dumbledore tinha a ambição de sucedê-lo, Dolores conseguiu cravar suas garras no coração do poder, alimentando a vaidade e os temores de Fudge, ao mesmo tempo em que se apresentava como uma das poucas pessoas em quem poderia confiar.

A indicação como Inquisidora de Hogwarts deu a Dolores, pela primeira vez na vida, livre esfera de ação para seus preconceitos e sua crueldade. Ela não havia gostado de seu tempo na escola, onde a deixaram de fora de todos os cargos de responsabilidade, então saboreou a chance de retornar e exercer seu poder sobre aqueles que (na visão dela) não lhe concederam o que lhe era devido.

Dolores tem o que se pode chamar de fobia contra seres que não são exatamente, ou inteiramente, humanos. Seu desgosto pelo meio-gigante Hagrid e seu horror por centauros revelam o pavor pelo que é desconhecido e selvagem. É uma pessoa controladora ao extremo, e todos que desafiam sua autoridade e sua visão pessoal de mundo, em sua opinião, devem ser punidos. Adora subjugar e humilhar os outros e, não fosse pelas alianças declaradas, não haveria diferença entre ela e Belatriz Lestrange.

A temporada de Dolores em Hogwarts terminou de maneira desastrosa porque ela se excedeu na incumbência que Fudge lhe dera, ultrapassando os limites da própria autoridade, levada por um sentimento fanático de propósito. Abalada, mas sem esboçar arrependimentos após o fim catastrófico de sua carreira em Hogwarts, ela retornou ao Ministério, mergulhado em confusão com o retorno de Lorde Voldemort.

Na troca de regime resultante da demissão forçada de Fudge, Dolores conseguiu se esgueirar de volta ao seu antigo posto . O novo ministro, Rufo Scrimgeour, sofria pressões para resolver problemas mais imediatos do que Dolores Umbridge. Ele seria depois castigado pela omissão, pois o fato de Dolores não ter sido punida por seus abusos de poder pareceu para Harry Potter uma prova da complacência e do descuido do Ministério. Harry considerou a manutenção do emprego de Dolores e a falta de repercussão sobre seu comportamento em Hogwarts um sinal da corrupção entranhada do Ministério, e recusou-se a cooperar com o novo ministro. Umbridge é a única pessoa, além do próprio Lorde Voldemort, que deixou uma cicatriz física permanente em Harry, forçando-o a grafar as palavras “não devo contar mentiras” nas costas da própria mão durante a detenção.

Entretanto, Dolores logo desfrutaria da sua vida profissional mais do que nunca. Quando o Ministério foi tomado pelo manipulado ministro Pio Thicknesse e infiltrado por seguidores do Lorde das Trevas, ela finalmente se viu em seu verdadeiro elemento. Os Comensais da Morte mais antigos avaliaram, com precisão, que ela tinha muito mais em comum com eles do que com Alvo Dumbledore; além de manter seu cargo, ela ganhou mais autoridade, tornando-se Chefe da Comissão de Registro dos Nascidos Trouxas – na verdade era uma corte dissimulada, que aprisionava todos os nascidos trouxas sob a alegação de que haviam “roubado” a varinha e a magia que possuíam.

Foi enquanto Dolores estava sentada, julgando outra mulher inocente, que

Harry Potter finalmente a atacou, dentro do próprio Ministério, e roubou dela a Horcrux que usava sem nem mesmo saber.

Com a queda de Lorde Voldemort, Dolores Umbridge foi levada a julgamento por sua entusiasmada cooperação com o regime e condenada por tortura, prisão e morte de várias pessoas – alguns nascidos trouxas que ela sentenciou a Azkaban não sobreviveram à provação.

Reflexões de J.K. Rowling

Certa vez, há muito tempo, resolvi aprender determinada habilidade/tema (estou sendo o mais vaga possível por motivos que logo se tornarão óbvios) e, ao fazê-lo, entrei em contato com uma professora/instrutora com quem antipatizei logo de cara.

A mulher em questão sentiu a mesmíssima antipatia por mim. O motivo para nos detestarmos de maneira tão imediata, enérgica e (da minha parte, pelo menos) irracional, honestamente, não sei dizer. O que me salta à mente era seu gosto declarado por acessórios fofinhos. Lembro com exatidão de uma fivelinha plástica em forma de laço, de cor amarelo-clara, que ela usava no cabelo curto e cacheado. Eu costumava olhar para aquela fivelinha, que seria apropriada para uma menina de três anos, como se fosse algum tipo de tumor físico repulsivo. Era uma mulher bem troncuda e não estava na flor da idade, mas seu hábito, de usar franjas onde (para mim) não deveriam existir e andar com bolsas pequenas que pareciam ter saído de um guarda-roupa de criança, batia de frente com uma personalidade que eu descobri ser o oposto de doce, inocente e ingênua.

Sempre tive certo receio de falar sobre esse tipo de fonte de inspiração, pois é irritante ver-se mal interpretada de um jeito que magoe outras pessoas. Essa mulher NÃO é "a verdadeira Dolores Umbridge". Ela não se parecia com um sapo, nunca foi sádica ou cruel comigo ou qualquer outra pessoa, e eu nunca a vi expressar uma única opinião em comum com Umbridge – na verdade, nunca a conheci suficientemente bem para saber sobre suas opiniões ou preferências, o que torna minha antipatia ainda menos justificável. Contudo, é correto dizer que copiei dela, com bastante exagero, o gosto por roupas meigas e femininas, e que estava pensando no laço de plástico amarelo-claro quando botei aquele ornamento na cabeça de Dolores Umbridge.

Já notei mais de uma vez na vida que o gosto inefável por coisas delicadas anda lado a lado com uma percepção nada bondosa do mundo. Certa vez dividi o escritório com uma mulher que cobria o espaço da parede atrás de sua escrivaninha com imagens de gatinhos fofinhos. Ela era a defensora mais fanática e vingativa da pena de morte com quem já tive o desprazer de compartilhar a chaleira. O amor por todas as coisas melífluas costuma se fazer presente onde existe falta de generosidade ou afeto verdadeiro.

Portanto, Dolores, que é um dos personagens pelos quais sinto a mais pura aversão, tornou-se um amálgama dos traços tirados de várias fontes. Sua vontade de controlar, punir e infligir dor, tudo em nome da lei e da ordem, são para mim

tão repreensíveis quanto o simples exercício do mal de Lorde Voldemort.

Os nomes de Umbridge foram cuidadosamente escolhidos. “Dolores” significa dor, algo que ela sem dúvida causa em todos ao redor. “Umbridge” é um jogo com a palavra “umbrage”, extraída da expressão britânica “to take umbrage”, que significa ficar ofendido. Dolores se ofende com qualquer desafio à sua limitada visão de mundo; acho que o sobrenome transmite a mesquinharia e a rigidez do seu caráter. É mais difícil explicar “Joana”; apenas achei que soava um tanto presunçoso e pomposo entre os outros dois.

Dolores Umbridge teve dois escritórios – um em Hogwarts, outro no Ministério da Magia – e ambos foram decorados com pratos feiosos de gatinhos que miavam. A verdade é que ela nunca chegou a ser indicada como Ministra da Magia, mas sabia influenciar qualquer um que estivesse no cargo. Basta pensar em como ela soube trabalhar diabolicamente bem com Cornélio Fudge, espalhando rumores sobre Harry Potter, negando o retorno de Voldemort e depondo Dumbledore.

Se você quiser entender alguma coisa sobre a política do mundo bruxo, é melhor dar uma olhada em quem exerceu o posto de ministro. E fique de olhos abertos, pois encontrará alguns nomes bem familiares na lista.

CAPÍTULO 2

OS MINISTROS DA MAGIA E AZKABAN

OS MINISTROS DA MAGIA
POR J.K. ROWLING

O Ministério da Magia foi formalmente estabelecido em 1707, com a indicação do primeiro homem a carregar o título de "Ministro da Magia", Úlico Gamp*. O Ministro da Magia é eleito democraticamente, mas houve momentos de crise em que o posto foi simplesmente oferecido a um indivíduo sem votação pública (Alvo Dumbledore recebeu tal oferta, mas a recusou repetidas vezes). Não há limite para o fim do mandato de um ministro, mas ele ou ela é obrigado a realizar eleições em um intervalo máximo de sete anos. Os Ministros da Magia costumam durar muito mais tempo no cargo do que os Ministros trouxas. Em termos gerais, e apesar das muitas reclamações e contrariedades, a comunidade bruxa apoia seus ministros de um modo raramente visto no mundo trouxa. Isso talvez se deva à sensação, por parte dos bruxos, de que se não se governarem de maneira competente os trouxas podem tentar interferir em suas vidas.

O Primeiro Ministro trouxa não participa da indicação do Ministro da Magia, cuja eleição é assunto unicamente da própria comunidade mágica; todos os assuntos a ela relacionados na Grã-Bretanha são geridos apenas pelo Ministro da Magia, que tem jurisdição exclusiva sobre seu Ministério. Visitas de emergência do Ministro da Magia ao Primeiro Ministro trouxa são anunciadas por um retrato de Úlico Gamp (primeiro Ministro da Magia) pendurado no gabinete do Primeiro Ministro trouxa, no número 10 da Downing Street.

Nenhum Primeiro Ministro trouxa jamais pôs os pés no Ministério da Magia, por razões que foram sucintamente resumidas pelo ex-ministro Dugaldo McPhail (mandato de 1858 a 1865): "seus cerebrozinhos não conseguiriam lidar com isso".

MINISTRO: Úlico Gamp
TEMPO DE MANDATO: 1707 – 1718

Antes presidente do Wizengamot, Gamp teve o penoso trabalho de gerir uma comunidade turbulenta e apavorada, ainda se ajustando à imposição do Estatuto Internacional de Sigilo. Seu maior legado foi fundar o Departamento de Execução das Leis da Magia.

Dâmocles Rowle
1718 – 1726
Rowle foi eleito com a plataforma de ser “duro com os trouxas”. Censurado pela Confederação Internacional de Bruxos, acabou forçado a se demitir do cargo.

Perseu Parkinson
1726 – 1733
Tentou aprovar um projeto de lei que tornava ilegal o casamento com trouxas. Interpretou mal o ânimo público: a comunidade bruxa, cansada do sentimento antitrouxa e querendo paz, votou por sua saída na primeira oportunidade.

Eldrite Diggory
1733 – 1747
Ministro popular, o primeiro a estabelecer um programa de recrutamento para aurores. Morreu durante o mandato (varíola de dragão).

Alberto Boot
1747 – 1752
Amigável, mas inepto. Demitiu-se após uma revolta dos duendes mal administrada.

Basílio Flack
1752 – 1752
Ministro com menor tempo de serviço. Durou dois meses; demitiu-se depois que os duendes uniram forças com os lobisomens.

Hefesto Gore
1752 – 1770
Gore foi um dos primeiros aurores. Teve sucesso em sufocar uma série de revoltas de seres mágicos, mas os historiadores acreditam que sua recusa em estabelecer programas de reabilitação para lobisomens acabou produzindo mais ataques. Renovou e reforçou a prisão de Azkaban.

Maximiliano Crowdy
1770 – 1781
Pai de nove filhos, Crowdy foi um líder carismático que erradicou vários grupos de puros-sangues que planejavam ataques aos trouxas. Sua morte misteriosa durante o mandato foi tema de vários livros e teorias da conspiração.

Porteu Knatchbull
1781 – 1789

Chamado secretamente em 1782 pelo Primeiro Ministro trouxa da época, Lorde North, para ver se podia ajudá-lo com a crescente instabilidade mental do rei Jorge III. Espalhou-se a notícia de que Lorde North acreditava em bruxos, forçando-o a deixar o posto após uma moção de censura.

Untuoso Osbert
1789 – 1798
Visto como tremendamente influenciado por bruxos de sangue puro com riqueza e status.

Artemísia Lufkin
1798 – 1811
Primeira mulher a dirigir o Ministério da Magia. Estabeleceu o Departamento de Cooperação Internacional em Magia e fez grande lobby até conseguir um torneio da Copa Mundial de Quadribol na Grã-Bretanha durante seu mandato.

Grogan Stump
1811 – 1819
Ministro da Magia muito popular, fã apaixonado de quadribol (Tutshill Tornados), estabeleceu o Departamento de Jogos e Esportes Mágicos e conseguiu definir uma legislação diferenciando feras e seres mágicos, algo que há muito tempo era fonte de dissensões.

Josefina Flint
1819 – 1827
Revelou durante seu mandato um insalubre preconceito contra trouxas. Antipatizava com as novas tecnologias trouxas como o telégrafo, que, segundo ela, interferiam no devido funcionamento das varinhas.

Ottaline Gambol
1827 – 1835
Muito mais progressista, Gambol estabeleceu comitês para investigar a capacidade intelectual dos trouxas que, naquele período do Império Britânico, parecia ser muito maior do que alguns bruxos acreditavam.

Radolfo Lestrange
1835 – 1841
Reacionário que tentou fechar o Departamento de Mistérios – que o ignorou. Acabou se demitindo devido à saúde precária, mas dizem vários rumores que foi por incapacidade para lidar com as pressões do cargo.

Hortênsia Milliphutt
1841 – 1849
Apresentou mais leis do que qualquer outro ministro no poder, muitas delas úteis, algumas enervantes (relativas à agudeza das pontas dos chapéus, entre outras), que por fim levaram à sua derrocada política.

Evangeline Orpington
1849 – 1855
Amiga querida da Rainha Vitória, que nunca soube ser ela uma bruxa, quanto mais Ministra da Magia. Acredita-se que Orpington utilizou (ilegalmente) magia para intervir na Guerra da Crimeia.

Priscilla Dupont
1855 – 1858
Desenvolveu um rancor irracional pelo Primeiro Ministro trouxa, Lorde Palmerston, a ponto de lhe causar muitos problemas (moedas que se transformavam em ova de sapo no bolso do casaco etc.) e ser forçada a deixar o cargo. Ironicamente, Palmerston foi forçado pelos trouxas a deixar o cargo dois dias depois.

Dugaldo Mcphail
1858 – 1865
Um sujeito confiável. Enquanto o parlamento trouxa passava por um período de notável agitação, o Ministério da Magia conhecia um período de agradável calmaria.

Fáris "Língua-de-Trapo" Spavin
1865 – 1903
Ministro da Magia que serviu por mais tempo, foi também o mais prolixo; sobreviveu a uma "tentativa de assassinato" (chute) de um centauro, ressentido com o infame final da piada sobre "um centauro, um fantasma e um anão que entram num bar". Compareceu ao funeral da Rainha Vitória com chapéu e polainas de almirante, momento em que o Wizengamot sugeriu gentilmente que estava na hora de ele deixar o cargo (Spavin tinha 147 anos quando deixou o posto).

Venúsia Crickerly
1903 – 1912
Segunda ex-auror a ocupar o cargo. Considerada competente e amistosa, Crickerly morreu em um bizarro acidente de jardinagem (envolvendo mandrágoras).

Arquimino Evermonde
1912 – 1923
No cargo durante a Primeira Guerra Mundial dos trouxas, Evermonde aprovou leis de emergência proibindo bruxas e bruxos de se envolverem, para prevenir o risco de infrações em massa ao Estatuto Internacional de Sigilo. Milhares o desafiaram, ajudando os trouxas como puderam.

Lorcan Mclaird
1923 – 1925
Bruxo talentoso, mas político improvável, McLaird era um homem incrivelmente taciturno, que preferia se comunicar por monossílabos e expressivas baforadas de fumaça, produzidas com a ponta da varinha. Forçado a sair do posto por causar verdadeira irritação com suas excentricidades.

Heitor Fawley
1925 – 1939
Sem dúvida eleito por ser muito diferente de McLaird, o exuberante e vistoso Fawley não levou muito a sério a ameaça apresentada à comunidade bruxa mundial por Gerardo Grindelwald. Pagou por isso com o próprio cargo.

Leonardo Spencer-Moon
1939 – 1948
Um ministro sensato que fez carreira dentro do Ministério, tendo começado como copeiro no Departamento de Acidentes e Catástrofes Mágicas. Supervisionou um período de grande conflito internacional para bruxos e trouxas. Tinha uma boa relação de trabalho com Winston Churchill.

Guilhermina Tuft
1948 – 1959
Bruxa jovial que presidiu um agradável período de paz e prosperidade. Morreu no cargo após descobrir, tarde demais, sua alergia a doce de aliquente.

Inácio Tuft
1959 – 1962
Filho da ministra anterior. Um linha-dura que aproveitou a popularidade da mãe para ganhar a eleição. Prometeu instituir um controverso e perigoso programa de procriação de dementadores e foi obrigado a deixar o cargo.

Nóbio Leach
1962 – 1968
Primeiro Ministro da Magia nascido trouxa, sua indicação causou consternação

na velha guarda (puro-sangue); muitos abandonaram seus cargos no governo em protesto. Leach sempre negou qualquer envolvimento com a vitória da Inglaterra na Copa do Mundo de 1966. Deixou o poder após contrair uma doença misteriosa (as teorias conspiratórias são abundantes).

Eugênia Jenkins
1968 – 1975
Jenkins enfrentou com competência os tumultos causados pelos puros-sangues durante as marchas pelos Direitos dos Abortos, no fim dos anos sessenta, mas logo foi confrontada com a primeira ascensão de Lorde Voldemort. Foi destituída do posto por ser vista como inadequada para o desafio.

Haroldo Minchum
1975 – 1980
Visto como linha-dura, colocou ainda mais dementadores ao redor de Azkaban, mas foi incapaz de conter o que parecia uma incontrolável ascensão de Voldemort ao poder.

Emília Bagnold
1980 – 1990
Ministra altamente capacitada. Teve que responder à Confederação Internacional de Bruxos pelas inúmeras quebras do Estatuto Internacional de Sigilo no dia e na noite seguintes ao ataque de Lorde Voldemort a Harry Potter, que sobreviveu. Isentou-se de maneira magnífica, com palavras agora consideradas infames: “Reafirmo nosso direito inalienável de celebrar”, que arrancou vivas de todos os presentes.

Cornélio Fudge
1990 – 1996
Um político de carreira por demais afeiçoado à velha guarda. A persistência em negar a ameaça que Lorde Voldemort representava acabou lhe custando o emprego.

Rufo Scrimgeour
1996 – 1997
Terceiro ex-auror a ganhar o cargo, Scrimgeour foi morto durante o mandato pelas mãos de Lorde Voldemort.

Pio Thicknesse
1997 – 1998
Omitido da maioria dos registros oficiais pois esteve sob controle da Maldição

Imperius durante todo o tempo de mandato, inconsciente de qualquer ato cometido.

Kingsley Shacklebolt
1998 – presente
Supervisionou a captura dos Comensais da Morte e dos partidários de Lorde Voldemort após sua morte. Inicialmente nomeado "ministro interino", Shacklebolt depois foi eleito para o cargo.

---

* Antes de 1707, o Conselho de Bruxos foi a instituição (embora não fosse a única) que por mais tempo governou a comunidade mágica na Grã-Bretanha. Após a imposição do Estatuto Internacional de Sigilo em 1692, entretanto, a comunidade bruxa precisou de uma estrutura governamental mais bem estruturada, organizada e complexa do que a existente até o momento para respaldar, regular e se comunicar com uma comunidade escondida. Apenas bruxas e bruxos que gozaram do título de "Ministro da Magia" estão incluídos nessa lista.

Não teria sido fabuloso tomar uma espumante cerveja amanteigada com Fáris “Língua-de-Trapo” Spavin? Mas há alguns na lista que gostaríamos de evitar por completo - Dâmocles Rowle, por exemplo, o ministro que começou a mandar criminosos para Azkaban.

Mesmo antes de se tornar uma prisão notória, a fortaleza da ilha não era exatamente um lugar para se passar as férias com a família. Talvez queira reservar uma lembrança muito feliz e um fervoroso “Expecto Patronum!” já de prontidão...

AZKABAN
POR J.K. ROWLING

Azkaban já existia desde o século XV, mas, originalmente, não era uma prisão. Esta ilha no Mar do Norte, onde foi erguida a primeira fortaleza, jamais apareceu em qualquer mapa, fosse dos trouxas ou dos bruxos. Acredita-se que foi fabricada, ou ampliada, com artifícios mágicos.

A fortaleza foi originalmente o lar de um bruxo pouco conhecido, que chamava a si mesmo de Ekrizdis. Evidentemente um bruxo de grande poder, mas de nacionalidade desconhecida, Ekrizdis – que provavelmente era louco – praticava os piores tipos de Artes das Trevas. Sozinho no meio do oceano, ele atraía, torturava e matava marinheiros trouxas, aparentemente por prazer. Somente após sua morte os feitiços de ocultamento que ele lançara se desfizeram, e o Ministério da Magia percebeu a existência da ilha e da fortaleza. Aqueles que lá entraram para investigar depois se recusaram a contar o que encontraram, mas a parte menos assustadora era o lugar estar infestado de dementadores.

Muitas autoridades consideraram Azkaban um lugar maligno, que devia ser destruído. Outros temiam o que aconteceria se os dementadores que infestavam a construção ficassem sem lar. As criaturas já estavam fortes demais, eram impossíveis de matar; muitos temeram uma vingança terrível caso o habitat em que pareciam vicejar lhes fosse tomado. As próprias paredes da fortaleza pareciam impregnadas de dor e sofrimento, e os dementadores estavam determinados a permanecer ali. Especialistas que haviam estudado prédios construídos e cercados pela magia negra afirmavam que Azkaban poderia derramar sua vingança sobre qualquer um que tentasse destruí-la. A fortaleza ficou então abandonada por muitos anos, um lar para os dementadores se reproduzirem continuamente.

Assim que o Estatuto Internacional de Sigilo foi imposto, o Ministério da Magia percebeu que as pequenas prisões bruxas, espalhadas por várias cidades e povoados do país, eram um risco, pois as tentativas de fuga de bruxas e bruxos encarcerados geralmente provocavam explosões, cheiros e luzes indesejáveis. Decidiram construir uma prisão única, localizada em alguma das remotas Ilhas Hébridas. Os planos já tinham sido formulados quando Dâmocles Rowle se tornou Ministro da Magia.

Rowle era um autoritário que subiu ao poder com um projeto antitrouxa, aproveitando-se da raiva que muitos na comunidade bruxa sentiam por serem obrigados a viver em segredo. Sádico por natureza, Rowle jogou fora os planos da nova prisão de imediato e insistiu no uso de Azkaban. Ele alegou que os dementadores que lá viviam seriam uma vantagem: poderiam ser aproveitados como guardas, poupando tempo, problemas e despesas ao Ministério.

Apesar da oposição de muitos bruxos, entre eles especialistas em dementadores e em construções com histórias sombrias como a de Azkaban, Rowle prosseguiu com o plano e logo uma constante remessa de prisioneiros estava estabelecida. Nenhum deles jamais voltou. Se não eram loucos e perigosos antes de serem colocados em Azkaban, rapidamente ficavam assim.

Rowle foi sucedido por Perseu Parkinson, que também era favorável a Azkaban. Quando Eldrite Diggory assumiu como Ministro da Magia, a prisão já operava há quinze anos. Nunca houve fugas ou brechas na segurança. Azkaban parecia estar funcionando bem. Apenas ao visitá-la Diggory percebeu exatamente como eram as condições ali dentro: os prisioneiros estavam em sua maioria ensadecidos, e um cemitério fora providenciado para acomodar os que morriam de desespero.

De volta a Londres, Diggory estabeleceu um comitê para explorar alternativas a Azkaban, ou pelo menos remover os dementadores do posto de guarda. Os especialistas explicaram que a única razão para os dementadores viverem (quase) confinados na ilha era o recebimento de um suprimento constante de almas com que se alimentar. Privados de prisioneiros, eles provavelmente abandonariam a prisão e tomariam o rumo do continente.

Apesar do aviso, Diggory estava tão horrorizado com o que vira dentro de Azkaban que pressionou o comitê a encontrar soluções. Mas antes que pudessem chegar a uma conclusão, Diggory contraiu varíola de dragão e morreu. Desde aquela época até o advento de Kingsley Shacklebolt, nenhum ministro considerou seriamente o fechamento de Azkaban. Ignoraram as condições desumanas instaladas dentro da fortaleza, permitindo que ela fosse magicamente ampliada e expandida e pouquíssimo visitada, devido aos efeitos terríveis de se entrar em uma construção povoada por milhares de dementadores. A maioria justificava sua atitude apontando o impecável recorde de inexistência de fuga de prisioneiros.

Quase três séculos se passaram até esse recorde ser quebrado. Um rapaz conseguiu sair da prisão com sucesso quando sua mãe, durante uma visita, trocou de lugar com ele, algo que os cegos e desalmados dementadores não poderiam detectar e jamais esperariam acontecer. Essa fuga foi seguida de outra, ainda mais engenhosa e impressionante, quando Sirius Black conseguiu fugir sozinho dos dementadores.

A prisão demonstrou sua fraqueza inúmeras vezes nos poucos anos seguintes,

quando duas fugas em massa ocorreram, ambas envolvendo Comensais da Morte. A essa altura, os dementadores já haviam concedido sua aliança a Lorde Voldemort, que poderia lhes garantir um espaço e uma liberdade jamais experimentados até então. Alvo Dumbledore era o único que há muito desaprovava o uso de dementadores como guardas, não apenas pelo tratamento desumano dado aos prisioneiros sob poder deles, mas por prever a possível mudança de lealdade em tais criaturas das trevas.

Sob o mandato de Kingsley Shacklebolt, Azkaban foi purgada dos dementadores. Ainda que continue sendo usada como prisão, os guardas agora são aurores, que fazem um rodízio constante com os que estão em terra. Não houve nenhuma fuga desde que esse novo sistema foi introduzido.

Reflexões de J.K. Rowling

O nome "Azkaban" deriva de uma mistura da prisão "Alcatraz", o que há de mais equivalente no mundo trouxa, também estabelecida numa ilha, e "Abaddon", uma palavra hebraica que significa "lugar de destruição" ou "profundezas do inferno".

CAPÍTULO
3
HORÁCIO
SLUGHORN

HORÁCIO SLUGHORN
POR J.K. ROWLING

ANIVERSÁRIO:
28 de abril

VARINHA:

Cedro e fibra cardíaca de dragão, vinte e seis centímetros, razoavelmente flexível

CASA DE HOGWARTS:
Sonserina

HABILIDADES ESPECIAIS:
Magnífico oclumente, notório preparador de poções, excelente em transfiguração humana

LINHAGEM:
Pai bruxo, mãe bruxa (uma das supostas "Vinte e Oito Sagradas" famílias)

FAMÍLIA:
Nunca casou, sem filhos (embora o nome da família Slughorn prossiga por um ramo paralelo)

PASSATEMPOS:
Clube do Slugue, corresponder-se com ex-alunos famosos, bons vinhos e doces

Infância

Horácio Eugênio Flávio Slughorn nasceu em uma antiga família bruxa, filho

único de pais devotados e abastados. Embora fosse em essência um menino de bom temperamento, foi educado para acreditar no valor de uma rede de contatos tradicional (seu pai era um funcionário de alto posto no Departamento de Cooperação Internacional em Magia) e encorajado a fazer amizade com as “pessoas certas” assim que chegasse em Hogwarts. A família Slughorn é uma das “Vinte e Oito Sagradas” (uma seleta lista que designa as únicas famílias “puros-sangues”, escrita por um autor anônimo na década de 1930). Mesmo que os pais de Slughorn não fossem militantes das crenças puros-sangues, encorajavam uma silenciosa crença na superioridade inata da família.

Horácio foi imediatamente selecionado para a Sonserina quando entrou em Hogwarts. Mostrou ser um aluno excepcional e, mesmo não seguindo fielmente as instruções implícitas dos pais (enumerando entre os amigos vários nascidos trouxas), praticava o elitismo a seu modo: Horácio era atraído por aqueles cujos talentos ou circunstâncias os tornassem diferenciados, alegrando-se com glórias indiretas e deslumbrando-se com qualquer tipo de celebridade. Mesmo em criança, seu desejo de impressionar já causava embaraços, como referir-se às pessoas pelo nome de batismo – o que fazia até mesmo com o Ministro da Magia, satisfeito em insinuar que sua família possuía uma intimidade com o ministro muito maior que a realidade.

Primeira fase como professor

A despeito das habilidades consideráveis, da admiração por quem desfrutava dos holofotes e das ambições de seus pais por um cargo no Ministério, Horácio Slughorn nunca se sentiu atraído pela vida política. Gostava de seus pequenos confortos e alegrava-se com os deleites indiretos de ter amigos bem-sucedidos, sem querer exatamente seguir os passos de ninguém. Talvez percebesse bem lá no fundo que não tinha a substância com que os grandes ministros eram feitos, ciente de que preferia uma existência menos exigente e mais confortável. Quando lhe ofereceram emprego como mestre de Poções em Hogwarts, ele aceitou com prazer, pois tinha grande habilidade para ensinar e profunda afeição pela antiga escola.

Promovido depois a diretor da Sonserina, Slughorn continuou sendo um homem agradável e calmo. Tinha suas fraquezas – vaidade, orgulho e certa miopia de julgamento em relação aos bonitos e talentosos –, mas era destituído de crueldade ou malícia. A pior coisa pela qual poderia ser acusado em sua carreira como professor era fazer grande distinção entre os alunos que ele considerava divertidos e promissores e aqueles nos quais não via nenhuma centelha de grandeza futura. A criação do "Clube do Slugue" – um clube de sociabilização extracurricular para seus seletos favoritos – em nada aplacou os sentimentos dos que nunca eram convidados.

Slughorn sem dúvida tinha bom olho para talentos latentes: por mais de cinquenta anos, vários membros do Clube do Slugue, selecionados a dedo, tiveram carreiras fascinantes no mundo bruxo, nos mais variados campos, fosse quadribol, política, negócios ou jornalismo.

Relação com Voldemort

Para a infelicidade de Slughorn, um dos seus alunos favoritos, um rapaz bonito e excepcionalmente talentoso chamado Tom Servolo Riddle, tinha ambições que iam muito além do Ministério ou da propriedade do *Profeta Diário*. Manipulador e charmoso quando desejava, Riddle soube exatamente como bajular e enganar seu mestre de Poções e diretor de Casa para descobrir uma informação mais que proibida: como criar Horcruxes. Muito imprudentemente, Slughorn deu ao seu protegido o conhecimento que lhe faltava.

Embora não apareça nos livros, podemos deduzir, pelo que o Professor Dumbledore conta a Harry Potter sobre suas próprias suspeitas com respeito a Tom Riddle, durante seu tempo na escola, que ele teria alertado seu colega Slughorn para que não se deixasse ser usado pelo garoto. Slughorn, seguro de seu próprio julgamento (que se confirmara tantas vezes antes), considerou tais avisos mera paranoia de Dumbledore, acreditando que o professor de Transfiguração havia tomado uma antipatia incompreensível por Tom, desde que o trouxe do orfanato onde era criado.

Slughorn permaneceu envolvido com Riddle até este terminar a escola, e desapontou-se ao descobrir que seu estimado pupilo, além de recusar todas as maravilhosas ofertas de emprego recebidas, desaparecera, mostrando total desinteresse em manter contato com o mestre por quem parecia sentir tamanha afinidade. Lentamente, nos meses seguintes, Slughorn teve de admitir a si mesmo que a afeição de Tom Riddle poderia, afinal, ter sido fingimento. O sentimento de culpa por ter compartilhado um conhecimento mágico tão perigoso com o garoto intensificou-se, mas Slughorn o reprimiu com mais determinação do que nunca, sem revelar o ocorrido a ninguém.

Alguns anos após a partida de Riddle da escola, quando um bruxo das Trevas de imenso poder chamado Lorde Voldemort se tornou ativo no mundo bruxo, Slughorn não reconheceu de imediato o antigo pupilo. Jamais soube do nome que Riddle já usava entre seus companheiros em Hogwarts; além disso, Voldemort havia passado por várias transformações físicas desde a última vez em que se viram. Quando Slughorn percebeu que aquele bruxo assustador era, de fato, Tom Riddle, ficou horrorizado. Na noite em que Voldemort retornou a Hogwarts, procurando vaga como professor, Slughorn se escondeu em seu escritório, temendo que o visitante se aproximasse e alegasse conhecê-lo. Voldemort não se incomodou em cumprimentar o antigo mestre de Poções na ocasião, mas o alívio de Slughorn durou pouco.

Quando o mundo bruxo entrou em guerra e começaram a circular rumores de que Voldemort, de alguma forma, se tornara imortal, Slughorn teve certeza de que ele havia tornado Voldemort invencível ensinando-lhe sobre as Horcruxes (uma culpa na verdade infundada, pois Riddle já sabia como fazer uma Horcrux, apenas fingira inocência para descobrir o que poderia acontecer se um bruxo fizesse mais de uma). Slughorn adoeceu de culpa e pavor. Alvo Dumbledore, já diretor da escola, tratou o colega com grande gentileza na época, o que teve o paradoxal efeito de aumentar a culpa de Slughorn, reforçando sua determinação de jamais contar a nenhuma alma viva o terrível erro que cometera.

Lorde Voldemort não fez nenhuma tentativa de tomar Hogwarts em sua primeira ascensão ao poder. Slughorn acreditou, corretamente, que estaria mais seguro se permanecesse no cargo em vez de se arriscar no mundo lá fora enquanto Voldemort estivesse à solta. Quando Voldemort encontrou um rival à altura ao atacar o pequeno Harry Potter, Slughorn ficou mais jubiloso que a maioria da população bruxa. Se Voldemort estava morto, refletiu, então não havia feito uma Horcrux, portanto ele, Slughorn, era inocente. Foi o alívio extremo de Slughorn e as frases desconexas que deixou escapar no primeiro arroubo de emoção, ao saber da derrota de Voldemort, que alertaram Dumbledore para a possibilidade de Slughorn ter compartilhado segredos sombrios com Tom Riddle. As gentis tentativas que Dumbledore fez para questioná-lo, no entanto, fizeram-no se fechar. Dias depois, Slughorn (que já havia completado meio século de serviço à escola) entregou sua demissão.

Aposentadoria

Horácio queria desfrutar uma aposentadoria prazerosa, livre dos afazeres de professor e do fardo da culpa e do medo que o acompanharam por anos. Retornou para a confortável casa dos pais (já falecidos), onde havia desfrutado as férias da escola, para tomar residência permanente.

Por quase uma década, Slughorn aproveitou da adega e da biblioteca bem abastecidas, fazendo algumas visitas casuais a antigos membros do Clube do Slugue e oferecendo banquetes em sua casa. Contudo, sentia falta de dar aulas e às vezes tinha tremores ao pensar nos rostos famosos de amanhã que estavam passando por Hogwarts sem ter o menor conhecimento de quem ele era.

Após quase uma década de aposentadoria, Slughorn soube, através de seus vastos contatos, que Lorde Voldemort ainda estava vivo, mas na forma desencarnada. Essa, dentre todas as notícias do mundo, era a que Slughorn mais temia, pois sugeria que seu pior temor tinha fundamento: Voldemort estava vivo sob alguma forma espectral fragmentada, porque seu jovem eu havia criado com sucesso uma ou mais Horcruxes.

Sua aposentadoria agora era preocupante. Insone e apavorado, perguntava a si mesmo se fora prudente ao deixar Hogwarts, lugar que Voldemort temeu invadir anteriormente e onde Dumbledore certamente estaria bem informado sobre o que estava acontecendo.

Esconderijo

Logo após a conclusão do Torneio Tribruxo em Hogwarts (que Slughorn acompanhara pela imprensa com arrebatada atenção), novos temores irromperam no mundo bruxo. Harry Potter havia sobrevivido à competição sob circunstâncias dúbias, retornando às terras de Hogwarts agarrado ao corpo de um amigo competidor, que ele alegava ter sido morto por um Voldemort renascido.

Ainda que a história de Harry fosse inteiramente desacreditada pelo Ministério da Magia e pela imprensa bruxa, Horácio Slughorn acreditou. A confirmação veio três noites após a morte de Cedrico Diggory, quando o Comensal da Morte Corban Yaxley veio à casa de Slughorn na calada da noite, claramente querendo recrutá-lo ou levá-lo à força até Voldemort.

Slughorn reagiu com uma velocidade que teria surpreendido quem o observou tornar-se mais lento, e gordo, ao longo dos anos de aposentadoria: transformou-se em poltrona e conseguiu escapar da detecção de Yaxley. Assim que o Comensal da Morte saiu, Slughorn colocou alguns itens básicos em uma sacola, trancou a casa e desapareceu.

Por mais de um ano saltou de casa em casa, às vezes ocupando moradias trouxas quando os donos estavam ausentes, pois não ousava ficar com amigos que pudessem acabar traindo seu paradeiro – fosse por vontade ou coação. Era uma existência miserável, que se tornava ainda pior pelo fato de não saber precisamente o que Voldemort queria dele. Pensou que mais provavelmente seu antigo aluno apenas queria recrutá-lo para seu exército, ainda era pequeno se comparado ao que possuía no ápice de sua ascensão anterior. Em seus momentos mais sombrios, no entanto, Slughorn imaginava que Voldemort queria matá-lo, para impedir que contasse a fonte de sua contínua invulnerabilidade.

Segunda fase como professor

Ainda que feitiços e azarações mantivessem Slughorn alguns passos adiante dos Comensais da Morte, foram insuficientes para escondê-lo de Alvo Dumbledore, que por fim o localizou no povoado de Budleigh Babberton, onde ocupava uma habitação trouxa. O diretor não se deixou enganar pelo disfarce que havia ludibriado Yaxley e pediu a Slughorn que retornasse a Hogwarts como professor. Como incentivo para a persuasão, Dumbledore levara consigo Harry Potter, a quem Slughorn era apresentado pela primeira vez: o aluno mais famoso que Hogwarts já vira e filho de uma de suas alunas favoritas, Lílian Evans.

Apesar da resistência inicial, Slughorn não conseguiu resistir à tentação de ter um local seguro para residir e ao próprio Harry Potter – alguém com um glamour que excedia até mesmo o de Tom Riddle. Slughorn suspeitou que Dumbledore tivesse outros motivos, mas estava confiante de que poderia resistir às tentativas de adulação de Dumbledore sobre qualquer auxílio que pudesse ter dado a Lorde Voldemort. Armou-se contra essa eventualidade preparando uma “lembrança” falsa da noite em que Riddle se aproximou dele pedindo que falasse sobre Horcruxes.

Slughorn reassumiu seu posto como mestre de Poções em Hogwarts com muito gosto, instituindo novamente o Clube do Slugue e tentando coletar os alunos mais talentosos e bem relacionados do momento. Como Dumbledore esperava e pretendia, Slughorn ficou cativado por Harry Potter, que ele acreditou (erroneamente) ser muitíssimo talentoso em sua matéria. Harry finalmente conseguiu obter de Slughorn a verdadeira lembrança da conversa com Riddle, após usar a própria poção de Slughorn contra ele, a Felix Felicis, a qual deixou Harry irresistivelmente sortudo.

Hogwarts sob o governo dos Comensais da Morte

Assim que a escola foi tomada por Lorde Voldemort, com Severo Snape como diretor e os Carrows assumindo papéis fundamentais na submissão de professores e alunos, Slughorn descobriu que Voldemort não tinha nada reservado para ele que não fosse continuar no posto e dar aulas para puros-sangues e mestiços. E assim ele fez, mantendo-se o mais discreto possível, sem jamais forçar a disciplina violenta advogada pelos Carrows e tentando cuidar dos alunos sob seu encargo da melhor forma possível.

A Batalha de Hogwarts

O comportamento de Slughorn durante a noite mais perigosa de sua vida revela o seu real valor. A princípio parecia que ele havia escapado da luta, levando os alunos da Sonserina para um lugar seguro longe do castelo. Assim que chegou em Hogsmeade, no entanto, ajudou a incitar e mobilizar os aldeões, retornando com Carlinhos Weasley na liderança dos reforços em um momento crucial da batalha. Mais: foi um dos três últimos (junto com Minerva McGonagall e Kingsley Shacklebolt) a duelar com Voldemort antes do confronto final com Harry. Slughorn buscou redenção nesses atos abnegados de coragem, arriscando a vida contra seu antigo pupilo.

O remorso genuíno de Slughorn pelo dano que provocou ao contar o que Riddle queria saber é prova conclusiva de que ele não é, e jamais foi, em sua essência um Comensal da Morte. Um pouco fraco, um tanto preguiçoso e sem dúvida um esnobe, Slughorn é todavia gentil de coração, dono de uma consciência plenamente funcional. Em seu teste final, Slughorn revelou-se implacavelmente contrário às Artes das Trevas. Quando sua bravura na Batalha de Hogwarts se tornou pública, seus atos (juntamente com os de Régulo Black, que ganhou notoriedade após a morte de Voldemort) removeram muito do estigma que esteve atrelado à Sonserina por centenas de anos. Agora, mesmo que aposentado (permanentemente), seu retrato tem lugar de honra na sala comunal da Sonserina.

Reflexões de J.K. Rowling

Quintus Horatius Flaccus foi um dos maiores poetas romanos, mais conhecido como Horácio. Ele deu a Slughorn dois dos seus nomes de batismo. O nome "Slughorn" deriva do que em gaélico (escocês) seria "grito de guerra", sluagh-ghairm, que mais tarde deu origem a "slughorn", uma trombeta de batalha. Adoro essa palavra pelo aspecto e pelo som, mas também por causa de suas muitas associações. O original gaélico sugere uma ferocidade escondida, enquanto sua corruptela parece aludir à antena do Arion distinctus (um caracol terrestre comum), o que funciona bem para um homem aparentemente sedentário e plácido. "Horn", que também significa corneta, insinua o alarde que ele fazia com os nomes famosos e as associações ilustres.

Horácio Slughorn foi um dos preparadores de poção mais habilidosos que Hogwarts já viu. Assim como Severo Snape, ele tinha o poder de engarrafar fama, cozinhar glória e até impedir a morte, mas o que é preciso para se tornar um mestre de Poções realmente talentoso? De acordo com J.K. Rowling, é muito mais do que ter um caldeirão e os ingredientes certos para preparar uma infusão.

POÇÕES
POR J.K. ROWLING

É comum perguntarem se um trouxa poderia criar uma poção mágica se lhe dessem um livro de Poções e os ingredientes certos. A resposta, infelizmente, é não. Uma poção sempre requer algum trabalho da varinha (o mero ato de acrescentar moscas mortas e asfódelo a um caldeirão sobre o fogo não dará em nada além de uma sopa de gosto repulsivo, para não dizer venenosa).

Algumas poções apenas duplicam os efeitos de feitiços e encantamentos, mas outras (a Poção Polissuco e a Felix Felicis, por exemplo) produzem efeitos que seriam impossíveis de se atingir de outra maneira. De modo geral, bruxas e bruxos escolhem qualquer método que lhes pareça mais fácil ou satisfatório para atingir o fim escolhido.

As poções não são para os impacientes, mas seus efeitos costumam ser difíceis de desfazer por qualquer pessoa que não seja habilidosa no preparo de poções. Esse ramo da magia carrega certo mistério e, portanto, status. Também existe certa notabilidade sombria no trato de substâncias altamente perigosas. A ideia que a comunidade bruxa faz de um especialista em Poções é o de uma pessoa carrancuda, que deixa sua raiva se avolumar lentamente. Snape, de fato, se adequa perfeitamente ao estereótipo.

Reflexões de J.K. Rowling

Química era a matéria que eu menos gostava na escola; desisti dela assim que pude. Naturalmente, quando estava tentando imaginar qual matéria o arqui-inimigo de Harry, Severo Snape, ensinaria, teve de ser algo equivalente a ela no mundo bruxo. O que torna tudo mais estranho foi achar a maneira como Snape apresentou sua matéria bastante cativante ("Posso ensinar-lhes a engarrafar fama, a cozinhar glória, até deter a morte..."). Aparentemente, parte de mim achou Poções tão interessante quanto Snape: a verdade é que eu sempre me diverti criando poções nos livros e pesquisando ingredientes para elas.

Muitos dos componentes das poções e dos elixires que Harry cria para Snape existem (ou já se acreditou que existiam) e têm (ou já se acreditou que tinham) as propriedades que lhes dei. O ditamno, por exemplo, realmente possui propriedades curativas (é um anti-inflamatório, embora eu não aconselhe que ninguém se estrunche para testar); o bezoar é mesmo uma massa retirada do intestino de animais e já se acreditou que beber água com bezoar era a cura para envenenamento.

Você pode procurar ditamno e encontrar bezoar no mundo real, mas seria difícil encontrar chifre de bicórnio - um dos elementos principais da Poção Polissuco. Essa poção capaz de alterar a aparência é inegavelmente poderosa, seja usada para o bem ou para o mal. Mas qual é o significado por trás de cada um dos ingredientes da mistura, e por que a habilidade de Hermione para preparar uma dessas sendo uma mera aluna do segundo ano é algo tão notável?

POÇÃO POLISSUCO
POR J.K. ROWLING

A Poção Polissuco, uma infusão complexa e demorada, é melhor se deixada ao encargo de bruxas e bruxos altamente qualificados. Ela permite a quem consumi-la assumir a aparência física de outra pessoa, desde que se tenha primeiro obtido parte do corpo do indivíduo para acrescentar à mistura (pode ser qualquer coisa: unha do pé, caspa ou coisa pior, mas o mais comum é usar cabelo). A ideia de que uma bruxa ou um bruxo possa fazer mal a alguém usando partes do corpo é bem antiga e existe no folclore e nas superstições de muitas culturas.

O efeito da poção é apenas temporário e depende do quão bem foi cozinhado: pode durar de dez minutos até doze horas. Você pode mudar de idade, sexo e raça tomando a Poção Polissuco, mas não de espécie.

O fato de Hermione ser capaz de fazer uma Poção Polissuco eficiente aos doze anos é prova de sua impressionante habilidade mágica, pois é uma poção que muitos bruxos e bruxas adultos temem tentar.

Reflexões de J.K. Rowling

Lembro-me de criar a lista completa de ingredientes para a Poção Polissuco. Cada um foi cuidadosamente selecionado. Hemeróbios (a primeira parte do nome em inglês, "lacewing flies", sugere um entrelaçamento, uma ligação entre duas identidades); sanguessugas (para sugar a essência de um e passá-la para outro); chifre de bicórnio (a ideia da dualidade); sanguinária (knotgrass, em inglês, faz outra alusão à se ligar a outra pessoa); descurainia ("fluxweed" remete à mutabilidade do corpo ao se transformar em outro) e pele de araramboia (um corpo externo que é removido para ganhar um novo interior).

O nome Polissuco serviu para fazer diversas alusões. "Poli", que significa "muito", dá a ideia de que a poção poderia transformar você em várias pessoas diferentes; mas "polissuco" também fica próximo de "Polideuces", que eram deuses gêmeos na mitologia grega.

Se quiser preparar uma taça cheia de Polissuco, ou qualquer outra poção poderosa e de gosto horrível, precisará de um caldeirão. Temos aqui um breve histórico dessa peça vital do equipamento mágico.

CALDEIRÕES
POR J.K.ROWLING

Os caldeirões já foram usados tanto por trouxas quanto por bruxos, sendo grandes potes de metal que podiam ser suspensos sobre fogo para o preparo de comida. Com o tempo, as pessoas mágicas e não mágicas passaram a usar fogões. As panelas começaram a se tornar mais convenientes e os caldeirões tornaram-se domínio apenas de bruxas e bruxos, que continuaram a preparar poções neles. Uma chama nua é essencial para o preparo de poções, o que faz com que os caldeirões sejam os potes mais práticos de todos.

Todos os caldeirões são encantados para que sejam mais leves de se carregar, e geralmente são feitos em estanho ou ferro. As invenções modernas incluem os caldeirões automexíveis e dobráveis. Caldeirões feitos de metal precioso também estão disponíveis para especialistas, ou exibicionistas.

Reflexões de J.K. Rowling

Há séculos os caldeirões estão associados à magia. Eles aparecem em desenhos de bruxas feitos centenas de anos atrás e, supostamente, são onde os leprechauns guardavam tesouros. Muitos contos folclóricos e de fadas mencionam caldeirões com poderes especiais, mas nos livros de Harry Potter são um instrumento bastante trivial. Pensei em fazer do caldeirão o objeto de Helga Hufflepuff, mas havia algo de cômico e incoerente em transformar um objeto grande e pesado em uma Horcrux; eu queria que os objetos que Harry precisava encontrar fossem menores e mais portáteis. Contudo, o caldeirão está entre as quatro joias míticas da Irlanda (seu poder mágico era não deixar ninguém ir embora insatisfeito) e na lenda dos Treze Tesouros da Inglaterra (o caldeirão de Dyrnwch, o gigante, cozinhava carne para os homens corajosos, mas não para os covardes).

O cargo de mestre de Poções tem lá seus riscos, mas é o de Defesa Contra as Artes das Trevas o mais perigoso. De todos os memoráveis professores de DCAT que passaram por Hogwarts, seria fácil esquecer o pacato Professor Quirino Quirrell, não fosse ele ter aparecido com Voldemort na parte de trás da cabeça. Aqui temos mais algumas informações sobre o homem que deixou seu cargo em Hogwarts de maneira nada convencional.

CAPÍTULO
4
QUIRINO QUIRRELL

QUIRINO QUIRRELL
POR J.K. ROWLING

ANIVERSÁRIO:
26 de setembro

VARINHA:
Amieiro e pelo de unicórnio, vinte e dois centímetros, maleável

CASA DE HOGWARTS:
Corvinal

HABILIDADES ESPECIAIS:
Versado na teoria da magia defensiva, pouco adepto da prática

LINHAGEM:
Mestiço

FAMÍLIA:
Solteiro, sem filhos

PASSATEMPOS:
Viajar, prensar flores silvestres

O primeiro professor de Defesa Contra as Artes das Trevas de Harry é um bruxo jovem e inteligente, que fez uma grande viagem pelo mundo antes de assumir seu posto como professor em Hogwarts. Quando Harry conhece Quirrell, este já havia adotado um turbante como traje cotidiano. Seu nervosismo, mais do que obviamente expresso em sua gagueira, é tão evidente que há o boato do seu turbante estar cheio de alho, para afastar vampiros.

Visualizei Quirrell como um rapaz talentoso e sensível, provavelmente importunado na escola por causa da timidez e do nervosismo. Sentindo-se inadequado e querendo provar seu valor, desenvolveu um interesse (teórico, a

princípio) pelas Artes das Trevas. Como muitas pessoas que se acham insignificantes, até mesmo ridículas, Quirrell guardava um desejo ardente de fazer com o que o mundo o notasse.

Decidiu sair deliberadamente em busca de qualquer coisa que ainda restasse do Bruxo das Trevas, parte por curiosidade, parte pelo seu inadmitido desejo de importância. No mínimo, imaginou que poderia se tornar "o homem que encontrou Voldemort", mas com sorte poderia aprender com o Lorde das Trevas habilidades que lhe garantissem jamais ser ridicularizado de novo.

Embora Hagrid estivesse correto ao dizer que Quirrell tinha uma "mente brilhante", o professor de Hogwarts era ao mesmo tempo ingênuo e arrogante por pensar que poderia controlar um confronto com Voldemort, mesmo no estado enfraquecido em que o Bruxo das Trevas se encontrava. Quando Voldemort percebeu que o rapaz tinha um cargo em Hogwarts tomou posse imediata de Quirrell, que foi incapaz de resistir.

Mesmo sem perder a alma, Quirrell foi completamente dominado por Voldemort, que causou uma pavorosa mutação em seu corpo: agora ele existia nas costas da cabeça de Quirrell, direcionando seus movimentos e forçando-o até a cometer assassinato. Quirrell tentou impor certa resistência na ocasião, mas Voldemort foi muito mais forte que ele.

Quirrell, na verdade, se tornou uma Horcrux temporária para Voldemort. E fica profundamente desgastado com a tensão física de lutar contra uma alma muito mais forte e maligna dentro de si: o corpo de Quirrell manifesta queimaduras e pústulas durante sua luta com Harry, devido ao poder protetor que a mãe do menino deixou em sua pele ao morrer pelo filho. Quando o corpo que Voldemort e Quirrell compartilham é terrivelmente queimado ao tocar Harry, Voldemort foge a tempo de se salvar, deixando o ferido e debilitado Quirrell tombar e morrer.

Reflexões de J.K. Rowling

Quirino era um deus romano sobre o qual não existe muita informação, embora costumem associá-lo à guerra – uma pista de que Quirrell não é tão dócil quanto parece. “Quirrell”, que é tão parecido com “squirrel” (esquilo, em inglês) – animal pequeno, fofinho e inofensivo – também sugere “quiver” (tremer), uma indicação do inato nervosismo do personagem.

Cobrimos o poder e a política do mundo bruxo de maneira sensata e completa. Mas para terminarmos com algo bem mais enriquecedor, vamos dar uma olhada na influente presença de Pirraça, o poltergeist. Se houvesse um concurso de impopularidade entre os professores e alunos de Hogwarts, Pirraça sem dúvida seria um dos finalistas da categoria "perturbação".

CAPÍTULO 5

UM POLTERGEIST PETULANTE

PIRRAÇA, O POLTERGEIST
POR J.K. ROWLING

O substantivo "poltergeist" é de origem alemã e poderia ser a grosso modo traduzido como "fantasma barulhento", ainda que, tecnicamente falando, não seja um fantasma. O poltergeist é uma entidade invisível que move objetos, bate portas e cria outras perturbações audíveis e cinéticas. Ele é encontrado em diversas culturas e aparenta ter uma forte relação com lugares onde pessoas jovens, principalmente adolescentes, estão vivendo. As explicações para esse fenômeno variam do sobrenatural ao científico.

Era inevitável que, em um prédio lotado de bruxas e bruxos adolescentes, um poltergeist fosse gerado. Da mesma forma, era de se esperar que esse poltergeist fosse mais barulhento, destrutivo e difícil de expulsar do que aqueles que às vezes frequentam casas trouxas. Sem dúvida, Pirraça é o poltergeist mais notório e encrenqueiro da história da Grã-Bretanha. Diferentemente da esmagadora maioria de seus colegas, Pirraça possui forma física, ainda que possa ficar invisível quando deseja. Sua aparência reflete sua natureza, e aqueles que o conhecem concordariam em dizer que é uma mistura perfeita de humor e má intenção.

Pirraça recebeu um ótimo nome, pois tem sido uma irritação para todos os zeladores de Hogwarts desde Hankerton Humble (indicado pelos quatro fundadores). Ainda que muitos alunos e alguns professores tenham uma estranha afeição por Pirraça (já que ele sem dúvida dá certo tempero à vida da escola), ele é um destruidor incurável. Geralmente cabe ao zelador limpar todas as suas bagunças deliberadas: vasos quebrados, poções derrubadas, estantes reviradas e assim por diante. Aqueles com pouca paciência deploram o gosto que Pirraça tem de se materializar a centímetros do nariz, esconder-se em armaduras ou largar objetos sólidos em suas cabeças quando saem de uma aula para outra.

Os vários esforços já feitos para remover Pirraça do castelo resultaram em fracasso. O último e mais desastroso foi realizado em 1876 pelo zelador Rancoroso Carpe, que desenvolveu uma armadilha elaborada, usando como isca um sortimento de armas (as quais ele acreditava que seriam irresistíveis para Pirraça) e uma grande redoma de vidro reforçada por vários Feitiços de Contenção, que ele pretendia largar sobre o poltergeist quando estivesse no lugar certo. Além de quebrar a redoma com facilidade, fazendo chover cacos de vidro

no corredor inteiro, Pirraça ainda escapou da armadilha armado com vários cutelos, balestras, um bacamarte e um canhão em miniatura. O castelo foi evacuado enquanto Pirraça se divertia atirando à esmo pelas janelas e ameaçando todos de morte. O impasse de três dias terminou quando a diretora da época, Eupráxia Mole, aceitou assinar um contrato dando privilégios adicionais a Pirraça, como um mergulho semanal nos banheiros masculinos do primeiro andar, direito de selecionar os pães velhos da cozinha (que ele usaria como projéteis) antes que fossem reaproveitados, e um chapéu novo – que deveria ser feito sob medida por Madame Bonhabille em Paris. Rancoroso Carpe se aposentou mais cedo por motivos de saúde, e desde então não se fez mais nenhuma tentativa de livrar o castelo do seu habitante mais indisciplinado.

Pirraça reconhece alguns tipos de autoridade. Ainda que não costume ficar impressionado com títulos e distintivos, tem por hábito ser condescendente com as reprimendas dos professores e aceita ficar fora das salas quando estão dando aulas. Ele é conhecido por ter demonstrado uma rara afinidade com certos alunos (especialmente Fred e Jorge Weasley), e sem dúvida sente medo do fantasma da Sonserina, o Barão Sangrento. Sua verdadeira lealdade, no entanto, se revelou na Grande Batalha de Hogwarts.

Aí está. Você descobriu o que acontece quando o poder sobe à cabeça de alguém (quase que literalmente, no caso do Professor Quirrell), qual bruxa seguiu um pérfido caminho para chegar ao poder ao mesmo tempo em que colecionava pratos dos Felinos Travessos, e onde aqueles que têm fome de poder e corrupção vão parar quando são capturados.

Esperamos que tenha gostado dessa coleção de textos de J.K. Rowling, apresentados por Pottermore.

Edições Digitais também publicadas por Pottermore

Harry Potter e a Pedra Filosofal
Harry Potter e a Câmara Secreta
Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban
Harry Potter e o Cálice de Fogo
Harry Potter e a Ordem da Fênix
Harry Potter e o Enigma do Príncipe
Harry Potter e as Relíquias da Morte

Histórias de Hogwarts: proezas, percalços e passatempos perigosos
Histórias de Hogwarts: poder, política e poltergeists petulantes
Hogwarts: Um guia imperfeito e impreciso

Pottermore

from J.K. Rowling

Pottermore
from J.K. Rowling